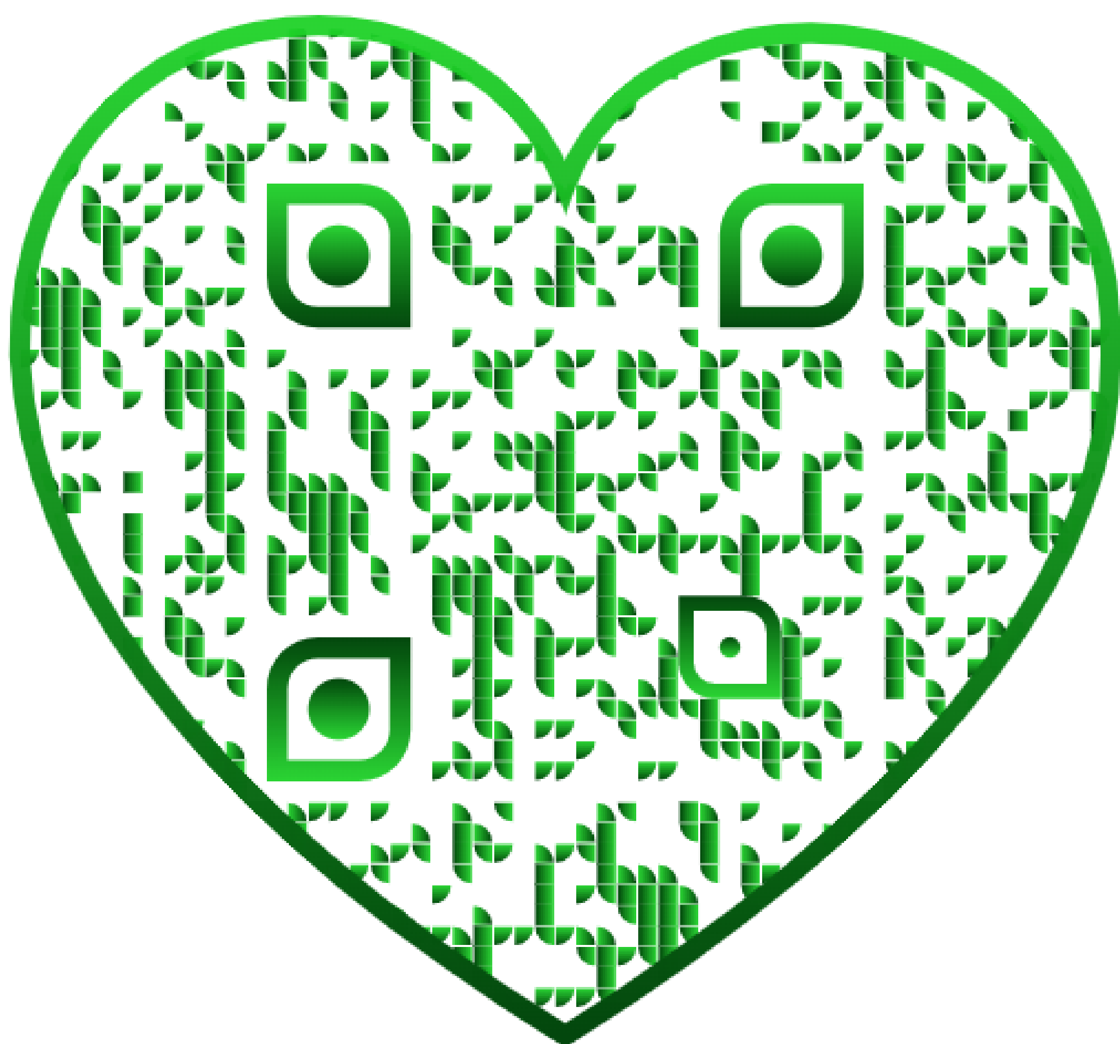
UM "GATO" NO CONGRESSO

Cleusa Sarzêdas

Virtualbooks



UM "GATO" NO CONGRESSO
Cleusa Sarzêdas

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks, com autorização do Autor.

O Autor gostaria de receber um e-mail de você com seus comentários e críticas sobre o livro.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

Sobre os Direitos Autorais:
Fazemos o possível para certificarmo-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se algum suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: vbooks03@terra.com.br para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



www.terra.com.br/virtualbooks

UM "GATO" NO CONGRESSO
Cleusa Sarzêdas

O Morro da Toca, zona sul da cidade do Rio de Janeiro, era uma comunidade relativamente tranqüila, com 168 mil habitantes. Tinha vida comercial, posto policial, posto de saúde e um Grupo Escolar Estadual. Sem saneamento básico. Seus habitantes desciam, todos os dias, milhares de degraus até a via pública, onde passavam os veículos que os levariam ao trabalho.

Numa tarde de sábado do ano de 1988, nuvens escuras anunciaram tempestade — dissipada pelo vento— enquanto uma mudança subia o morro. A do tenente de Polícia Militar Walney Mattias Cântaro. Homem bem apessoado, falante e inescrupuloso. Ambicionava fortuna e ascensão social. Quando criança, só brincava com os amiguinhos se fosse o personagem principal. Discursava em meio a roda e finalizava assim:

—(...). Um dia serei Presidente da República. Todos riam em razão do menino contar somente cinco anos de idade.

Por quatro anos trabalhou num projeto visando alcançar os mais altos cargos no governo. Já contava 42 anos. Aquela seria a grande oportunidade para alcançar seus objetivos e nunca mais ouvir sua mulher queixar-se que as panelas estavam vazias e que os filhos, um menino e duas meninas, não tinham roupas e outras queixas mais.

Instalou-se com a família numa pequena casa, quase casebre, de quatro cômodos. Assumiu o lugar no posto policial para o qual fora designado e, logo no primeiro dia, fez contato com o maior traficante do morro. Conversaram até altas horas da madrugada e firmaram um pacto. Sua função, assim como a de outros olheiros (um em cada morro), era manter a ordem e comunicar à corporação o movimento dos traficantes e seus esconderijos para facilitar a prisão - chamada de "varredura geral". Passava as madrugadas traçando roteiros que iriam dirigir sua ação na nova empreitada. Tudo meticulosamente calculado, cada detalhe tinha a importância de uma grande tarefa. Na primeira reunião da corporação, uma semana depois de

empossado, abriu um mapa sobre a mesa do delegado e mostrou o que deveriam atacar de início. Disse com ênfase:

— No momento, somente peixe pequeno está à vista. Os grandes se mostrarão, é só uma questão de tempo. O grupo ficou impressionadíssimo com a riqueza de detalhes e lhe deu parabéns . Conquistara a confiança da equipe.

Nos dias de folga (uma por semana) era substituído por outro policial/serviçal. Nessas ocasiões visitava outros morros fazendo contato com os chefes do tóxico. Apresentava planos meticulosamente bem traçados para enganar a polícia. A principio era visto com desconfiança por ser ele um policial mas, à medida que expunha as minúcias da ação, o interesse crescia. Explicava:

—Alerto a Corporação sobre ação de traficantes num determinado morro e o roteiro a ser invadido. Algumas pessoas, contratadas por nós, serão capturadas. E, paralelamente, para dispersar a atenção, faremos assaltos a bancos com a finalidade de divulgar algumas figuras como chefe de gangue, um idiota qualquer, que receberá grana alta. Aceita a tarefa, assinará um contrato com a seguinte cláusula: se delatar quando preso, será eliminado lá mesmo e a família expulsa do morro e denunciada como cúmplice. Calado, terá assistência jurídica necessária. Essa ação servirá para os morros da redondeza. Quando um for invadido — e a polícia estiver ocupada na captura dos assaltantes de banco — os outros terão o caminho livre para a exportação do pó.

AÇÃO.

Dias depois chegou ao morro da Toca um pelotão da Polícia Militar. Casas foram invadidas, papelotes de cocaína e armas encontradas, alguns homens presos, tiros trocados. Encenação perfeita.

Walney foi aclamado pelo chefe da polícia e do tráfico.

Enquanto isso, no mesmo dia e hora, realizaram o primeiro assalto a um banco no centro da cidade. Eram 10h30min. Muitos clientes, pagamento dos aposentados. Um homem de estatura baixa, barriga volumosa, entrou na agência e se posicionou na fila do caixa. Algum tempo depois entrou seu companheiro , este de aspecto normal, e logo a seguir mais outro. Os três portavam, sob a camisa, pistolas calibre 45 envoltas em capa protetora. Às 10h45min saíram levando o dinheiro do cofre. Quando a polícia chegou somente encontrou tumulto. As descrições físicas não coincidiam com nenhum suspeito. Todos afirmavam que o chefe era um homem baixo e barrigudo. Os companheiros o chamavam de Roliço. O vídeo instalado próximo ao caixa não ajudou. O denominado "chefe" tinha uma barriga postiça e os três usavam uma máscara de pele tão fina que alterava as feições de maneira natural; daí a dificuldade em descrevê-los.

Muitos outros assaltos foram executados. Todos de maneira simples e bem planejadas, levando as corporações ao desespero. Enquanto a polícia se preocupava em capturar bandidos, o tráfico era exportado sem embargo de qualquer espécie.

A figura de Roliço e de outros, considerados chefes de gangues, aparecia sempre de maneira diferente em cada assalto. A polícia elaborava mil maneiras de capturar o que chamavam "bando de Roliços" sem sucesso. Os delegados eram exonerados como incompetentes. Os jornais estampavam as notícias em letras garrafais, exaltando a ação gloriosa dos criminosos. Os adolescentes se prostravam em frente às bancas, extasiados com a façanha dos ladrões, e o número de jovens crescia a procura das gângsteres, para filiação, visando dinheiro fácil.

O esquema "Walney" era um sucesso. Quando substituído o delegado e a situação fugia ao controle, recebiam um alerta que emitia sinais coloridos identificando o local da invasão. A gangue se escondia num grande galpão feito nas entranhas do morro onde eram guardadas armas, coletes à prova de balas, tóxicos e todo o tipo de equipamento, inclusive um helicóptero pronto para decolar, se necessário. A população local ficava à mercê da arrogância e da violência de alguns policiais frustrados.

ASCENSÃO

Walney mudou-se com a família para uma residência afastada das demais e de aparência humilde, porém, no seu interior o luxo e o conforto imperavam. As festas aconteciam todas as sextas-feiras. A presença de Orlandão, chefe do tráfico do Morro da Toca era constante e sua figura chamava a atenção por ser um negro alto, corpulento, espadaúdo, com cara de mau e sorriso desdenhoso no canto da boca.

Os filhos estudavam em colégio particular, levados pelo motorista da família. Sua mulher freqüentava reuniões de chá de caridade oferecidos pelas senhoras de classe média alta.

Bastante rico, abriu um comércio de importação e exportação com o objetivo de lavar o dinheiro do tráfico e se candidatar a Deputado Federal. Pediu demissão da corporação usando como pretexto recebimento de herança de família. O delegado recusou o pedido afirmando categórico:

—"Necessitamos dos seus serviços por ser um policial competente e honesto. Não é todo dia que a gente encontra pessoas que não se deixam envolver por facilidades. Você é um cara de valor e presta grande contribuição à sociedade". Ele agradeceu com falsa humildade e alegou ser impossível, porque pretendia montar comércio próprio o que absorveria todo seu tempo; mas sugeriu que, caso o delegado concordasse, o PM que o substituía no momento desse continuidade ao trabalho, e ele se comprometia em auxiliá-lo . O Delegado, sem alternativa, aceitou o pedido de demissão e agradeceu, comovido:

— "Obrigado meu amigo, é difícil conseguir policial para aquele posto". Ninguém duvidou das palavras do tenente que recebeu abraços e felicitações.

A partir desse dia planejou sua estratégia com mais segurança. Participava ativamente dos negócios viajando várias vezes para Bolívia, Colômbia, Paraguai, Uruguai, Chile e muitos outros países, onde negociava os dois lados do comércio. Tornou-se um empresário importante aos olhos da sociedade. Filiou-se ao Partido..., candidatou-se a Deputado Federal ganhando a eleição, fácil, fácil. Dinheiro não faltava, custeava altos preços em Marketing. Sua plataforma política durante a campanha era combater os traficantes e moralizar os morros.

Comprou bela residência na Barra da Tijuca para onde levou a família. Não queria os filhos mancomunados com traficantes. A casa do morro foi mantida como ponto de ação e orgias.

Como deputado apresentava falsos projetos no combate ao tráfico e discursava na tribuna:

—"Lugar de traficantes é na cadeia! Não podem ficar em liberdade induzindo crianças inocentes ao vício!"— afirmava com toda convicção —"Quando policial meu objetivo principal sempre foi o de acabar com as gangues, mas elas proliferam como ratos! Um dia, ainda conseguirei exterminá-las por completo, essa é a minha grande meta." — e mais inflamado ainda — Fui eleito "deputado com essa finalidade, não vou decepcioná-los , trabalharei sem descanso na caça desses criminosos!" Falava bonito e gesticulava com o braço acima da cabeça, punho cerrado em atitude de revolta. Muitos acreditavam, aplaudiam e comentavam:

— Homem de valor, se candidato a Presidente, certamente ganhará.

Seis anos depois Walney tinha fortuna, ascensão social e fama. Nas discussões inflamadas passava sempre para o lado do mais forte. Comparecia às festas com a família; outras vezes, convidava em retribuição. Favores eram trocados e acordos firmados. O círculo de amizade aumentava; a fortuna também.

Numa tarde de sábado sobe o morro a mulata Gilda —O Sol ainda brilhava lá em cima, iluminando com seus raios quentes toda a terra— nos seus vinte e pouco anos, dentro de um tubinho vermelho de alças, modelando um busto firme, cintura fina, quadris proporcionais, glúteos arredondados e bem posicionados; coxas grossas e torneadas, joelhos bem feitos e belas pernas; pés delicados, bem cuidados, numa sandália de saltinho. Seu caminhar insinuante excitava os homens e causava inveja às mulheres. No rosto, um sorriso franco e convidativo mostrava dentes se projetando um pouco fora da arcada, tirando a beleza do seu semblante.

A notícia se espalhou e os homens casados, solteiros e até adolescentes queriam se envolver com ela. As mulheres mantinham os maridos em casa nos fins de semana com medo de perdê-los.

Numa festa do ex-PM, a mulata Gilda chegou acompanhada causando grande rebuliço. Todos queriam conhecê-la. Recebia elogios aos quais respondia:

—"Ora, obrigada por dizer". Chegou na varanda dos fundos onde estavam os homens mais importantes. Foi apresentada ao dono da casa, o mais bajulado da redondeza, que todos chamavam por Dr. Deputado. Os olhos se viram, as mãos se tocaram, a emoção correu o caminho do corpo chegando na boca num simples— muito prazer. Ela se afastou e os olhares cobiçosos a acompanharam.

Quatro horas da manhã. Poucos convidados ainda permaneciam na festa. Walney aproximou-se da mulata convidando-a a ficar após a saída de todos. Ela recusou. Virou-se e se afastou. Um sentimento de rejeição tomou conta dele. Seus olhos refletiram ódio, suas mãos se fecharam, os lábios se contraíram e a mente destilou veneno. Nunca mulher nenhuma ousou rejeitá-lo, a todas sempre usou como e quando quis, descartando-as quando se cansava.

— "Você será minha, deixarei que se apaixone e depois vou jogá-la fora, igual a lixo. Irá implorar pelo meu amor, sofrerá a humilhação de se sentir um nada. Sei como conquistar uma mulher, ou melhor, comprar, você não é diferente das outras". Jurou.

No dia seguinte levantou-se bem cedo. Mandou chamar o homem que vira ao lado da mulher que despertou seus sentimentos mais íntimos e o rejeitara. Às onze horas adentrou na residência de Walney um mulato alto, corpulento, aparência simpática, trajando calça bege, sapatos marrom, camisa parda, modos educados. Se identificou com o nome de George da Motta Alencar. Conversaram cerca de duas horas. Foi-lhe perguntado pormenores da sua vida e preferências, até sexuais, para melhor moldá-lo aos objetivos. Almoçaram. Deliciavam um saboroso quindim quando:

—Pedi que viesse porque estou precisando de alguém com o seu perfil para ocupar a função de meu secretário particular em Brasília. Ofereço um salário de cinco mil dólares, mas terá que morar lá. George que levava um pedaço de doce à boca parou, prendeu a respiração, contraiu a fronte quase juntando as grossas sobrancelhas (não era homem de muitas palavras), olhou para o seu interlocutor e um pensamento rasgou sua mente: "Quem é esse homem? Por que oferece a mim tanto dinheiro por tão pouco trabalho? Ele não me conhece! Onde consegue tanto dinheiro?" Prosseguiu o movimento de levar o doce até à boca. Não articulou palavra. Walney satisfeito com a reação e um pouco surpreso pelo silêncio, voltou ao assunto.

— E então? Você aceita ser meu braço direito? Se concordar venha a minha casa na sexta-feira às vinte horas, acertaremos os detalhes. George despediu-se e afastou-se pensativo. "Não poderia recusar uma proposta tão tentadora, onde iria arranjar outra oportunidade semelhante?".

Quinze dias depois viajaram a Capital Federal. George assumiu o posto de secretário do deputado mais invejado do Congresso. Instalado em belo apartamento de propriedade do patrão, ganhou conta bancária de cliente cinco estrelas e todas as facilidades de uma vida farta e confortável. Apresentado às pessoas certas e ao

trabalho que deveria executar recebeu ordens expressas para não ausentar-se da Capital em hipótese nenhuma, a não ser quando convocado.

Na semana seguinte Walney voltou para o Rio de Janeiro e para o morro. Mandou chamar a mulata Gilda a sua casa. Ela chegou às 19 horas e percebeu um clima de sedução . O ambiente à meia luz, muitas frutas sobre o criado mudo, e uma canção baixinha falando de amor. Sentiu medo.

—O senhor mandou me chamar? Temerosa.

— Não, não mandei. Pedi que viesse; você não quer saber sobre seu namorado? O meu secretário George é seu namorado, ou não?

— É sim — respondeu nervosa — já estamos juntos há dois anos.

—Você gosta muito dele?

—Goosto.

—Esse "goosto" não me convenceu. Quero colocá-la a par das atividades dele e das oportunidades que terá, e como você também poderá colaborar, isto é, se quiser. Ela se manteve calada. Ele prosseguiu enumerando várias tarefas as quais poderia executar e assim, ganhar muito dinheiro. Tirou do bolso uma pequena caixa colocando-a em sua mão. Ela olhou para o objeto indecisa.

—Abra-a você vai gostar, tenho certeza! Abriu o estojo e lá estava um belíssimo anel de brilhantes.

—Ooooh!! É de verdade? É uma jóia verdadeira?

—Sim é uma jóia verdadeira e é sua. Essa é só a primeira, você poderá ter muitas outras se quiser, com o seu trabalho, claro. Acrescentou. Fascinada, colocou o anel no dedo, nunca vira algo tão valioso, ficou extasiada.

—Vamos festejar— disse ele. Abriu uma garrafa de champanhe francesa e brindaram com a primeira taça. Ao explodir a rolha da quarta garrafa ele a levou no colo para o quarto luxuosamente decorado: cama redonda, lençóis de cetim, algumas paredes e teto espelhados, música suave num ambiente acolhedor, onde o amor se fez. O desejo e a volúpia cresceram até o êxtase total, com juras e gemidos profundos.

O sol inundou o ambiente com seus raios brilhantes acordando os amantes. Walney levantou-se, vestiu o robe e postou-se ao centro do aposento. Olhou para ela que ainda deitada se espreguiçava, sonolenta e sensual, tendo como vestimenta somente a ponta do lençol, de cor azul claro, cobrindo pequena parte do seu corpo que contrastava com o moreno jambo da sua pele. Abriu os olhos e o viu. Assustou-se, cobriu o corpo tão exposto e uma inibição tomou conta do seu semblante. Ele, cada vez mais

fascinado aproximou-se, beijou-a na face, abraçou-a, deixando a emoção falar o que a boca não conseguia se expressar. Todo sentimento de ódio e vingança esvaiu-se naquele momento. Nunca sentira tanta paixão por outra amante.

Três meses depois ainda estavam sob o império daquela atração. Ele não mais visitava a família, mal via os filhos. Os negócios estavam sendo relegados a segundo plano. Quase não comparecia mais ao Congresso em Brasília. Sua grande preocupação, no momento, era estar ao lado de Gilda. Levava-a a todos os lugares para os quais era convidado, antes freqüentados com a esposa. Não a deixava sozinha por ciúmes infundados. Ela o amava, jamais o trairia nem se atreveria. Ele, apesar do grande amor que sentia alertava:

—"Nunca pense em me trair, antes que o faça, saberei". Ela sentia verdadeiro pavor de suas ameaças.

A DERROCADA

A derrocada de Walney teve início quando a Polícia invadiu, de surpresa, vários morros na redondeza, inclusive o morro da Toca. Roliço foi preso. Casas invadidas, chefes de família detidos, cuja única culpa era morar no morro, mas a polícia os apresentava como de alta periculosidade. Apreendidas armas e grande quantidade de cocaína. A imprensa elogiou a ação da polícia mostrando os vários corpos, bandidos ou não, espalhados pelo chão. Mulheres e crianças choravam a morte dos antes queridos. O Morro da Toca ficou sendo visto como o pior reduto de bandidos da região.

Com as notícias estampadas nos jornais George, desobedecendo a ordem embarcou para o Rio de Janeiro preocupado com o patrão e com sua amada, que há muito não via e não respondia suas cartas. Chegou ao morro numa sexta-feira e dirigiu-se à casa de Walney para informá-lo sobre os rumores de cassação do mandato devido à sua ausência nas reuniões. Depois, iria matar a saudade daquela que fazia pulsar todo seu corpo num frenesi. Tocou a campainha, passaram-se alguns segundos, surgiu na porta uma mulher num robe de lingerie pastel; o vento soprava devagar agitando levemente o tecido fino que mostrava na sua transparência as belas pernas da mulata. George hipnotizado, nunca a vira tão fascinante. Ela, constrangida, na tentativa de se desculpar, mais se comprometia. Ele virou-se, nada disse. Não era necessário, estava tudo muito claro. Finalmente entendera porque fora escolhido para o emprego com alto salário. O ódio assumiu proporções gigantescas em sua mente e naquele mesmo dia iniciou uma investigação sobre a vida do patrão. Descobriu, junto aos seus inimigos, muitas atrocidades. Voltou à Brasília e leu toda a correspondência sigilosa. Conversou com parlamentares e constatou que muitos sabiam das manobras de enriquecimento do nobre Deputado. Uma delas era o tráfico de drogas, mas não tinham coragem de delatar por ser ele protegido de políticos e corporações fortes. Ouviu muitos o denominarem de "O diabo e seus amigos" e acrescentavam que, estando afastado tanto tempo, seu castelo começava a ruir e já não era sem tempo. Falavam com receio e, negariam tudo, se pressionados. Jamais testemunhariam contra aquele homem. George aliou-se a um jornalista desejoso de sucesso. Fizeram

levantamento de toda a vida de Walney que, preocupado em agradar o fruto da sua paixão carnal, descuidava-se de tudo que o cercava, abrindo brechas para novas investigações.

Um ano depois a CPI tinha material suficiente que comprovava as denúncias feitas pelo secretário do parlamentar Walney Matias Cântaro. Estourou o escândalo, os jornais estampavam as fotos dele com a mulata na primeira página. Ele negava as acusações.

—"Tudo não passa de manobra política, confio na Justiça para apurar a veracidade dos fatos e sairei ileso dessa situação. Sou inocente. Um homem de sucesso tem muitos inimigos. Os derrotados invejam aqueles que se projetam, é a única razão de todo esse alvoroço. Minha vida é um livro aberto. A moça da foto é amante do meu secretário e não minha. Jamais usei dinheiro público ou outra irregularidade para enriquecer. Meu patrimônio é fruto do meu trabalho, nada devo . Ser honesto para mim é religião". Dizia, convicto.

Os inquéritos se sucediam sempre com provas mais evidentes da corrupção que o envolvia. A imprensa não dava tréguas, queria a cabeça do homem que explorava a boa fé do povo. O Congresso também queria sua cabeça por razões de moralização. As eleições estavam próximas. Somente um impasse nas investigações: onde conseguira tanto dinheiro em pouco mais de seis anos? Walney afirmava categoricamente haver recebido herança de família, mas não comprovava.

A DESCOBERTA

O tráfego era lento no sentido Cidade-Copacabana no Parque do Flamengo (conhecido como Aterro do Flamengo) às dezoito horas de uma tarde de segunda-feira. Rajadas de metralhadora foram ouvidas. Um Sedam azul desgovernado, com vários furos a bala bateu em diversos carros, indo chocar-se contra uma árvore. Um Fiat na cor vinho, com quatro homens, em alta velocidade sobre o gramado, entrou no desvio e ocupou a pista da praia em sentido contrário.

Próximo à entrada da Lapa, um acidente entre dois ônibus bloqueava a pista. A polícia providenciava ambulância para os feridos quando ouve pelo rádio um alerta:
— "Atenção, atenção, todas as viaturas! Um Fiat na cor vinho placa não identificada, com quatro ocupantes, dirigindo-se ao Centro da Cidade na pista da praia, acaba de metralhar um Sedam azul no Aterro do Flamengo" — Os policiais, rapidamente organizaram o desvio e aguardaram. O veículo se aproximou; a polícia fez sinal de parar. Os assassinos aumentaram a velocidade numa tentativa desesperada de furar o cerco, mas o motorista foi atingido na nuca e o carro chocou-se com os ônibus acidentados. Outro ocupante foi gravemente ferido. Dois saíram correndo pela via

pública em direção ao Aeroporto onde um helicóptero os esperava, mas foram detidos antes de lá chegar.

No morro, a gangue recebeu o comunicado de que a operação fora realizada: George estava morto. Só que surgiram imprevistos: A polícia matou Carlinho com um tiro na nuca. Justino ficou gravemente ferido sendo levado para o hospital. Mauricinho e Marcelinho foram presos.

Walney deu um murro na mesa — Isso não podia ter acontecido! Os dois não são confiáveis, abrirão o bico, temos de providenciar a liberdade deles antes que falem.

—Mas como? Estão na Polícia Central.

—Isso não é problema.

—Nada disso teria acontecido se você não tivesse se descuidado dos negócios por causa de uma mulher, disse Orlandão, irritado. Agora vamos sofrer as conseqüências, tomara que os dois não abram o bico.

—Não vão abrir, vou retirá-los de lá antes disso.

O Delegado, profissional experiente, temendo uma tentativa de resgate cercou os criminosos, no hospital e na Delegacia, de forte esquema de segurança e naquela mesma noite interrogou-os sobre o atentado ao Secretário George, por várias horas. O dia despontava quando Mauricinho não suportando a pressão, falou:

— Por que vocês não perguntam ao Dr. Deputado?! Ele é o dono do morro. Nós só furamos o cara, o assunto não sabemos .

—Como é o nome desse Deputado? Indagou o Delegado.

—Ué!! Todo mundo conhece ele, o Dotô Walney.

—O que ele faz no morro?

—O que ele faz?! Vende drogas, ora! Junto com o Orlandão e outros mais.

—Você tem certeza do que está dizendo?

—Claro! Todo mundo sabe!....

O Delegado se intera de outros detalhes, convoca um pelotão e arma estratégia sigilosa para invasão ao Morro da Toca. Enquanto o pelotão sobe o morro um grupo invade a Central de Polícia, com armas pesadas, exigindo a soltura dos dois criminosos. Os policiais impotentes abrem a porta da cela e os dois saem sorrindo provocando a ira de um tenente que grita:

— "Eles já confessaram"— O grupo se volta e vê estampado no rosto dos comparsas a verdade. Uma rajada é disparada matando o Tenente e os dois bandidos. Os assassinos entraram no carro que os esperava e desapareceram, deixando para trás os três corpos em frente à Central de Polícia.

Na casa do Deputado Walney uma sirene dispara. Era o código secreto de que a polícia estava a caminho. Chamou a mulata Gilda.

—Vamos fugir agora. Saíram pela porta dos fundos, desceram uma ribanceira, passaram por um túnel e chegaram ao esconderijo nas entranhas do morro. Lá estavam Orlandão e mais dois homens ligados à quadrilha, com o helicóptero preparado.

A polícia cercou a casa do Deputado invadindo-a. Encontraram num quarto fechado um cofre. Aberto, muitos documentos comprometendo parlamentares, empreiteiras e policiais de alto escalão. Mapas indicando os caminhos da droga em todo o país e até esquemas traçados para as próximas eleições, dois anos depois, em que Walney seria lançado como candidato à Presidência da República, com vitória garantida. Vasculhou o morro em terra. No ar, dois helicópteros acompanhavam a ação quando foram surpreendidos com tiros de metralhadora vindos de outro helicóptero, saindo de dentro do morro . Um da polícia foi abatido. O outro, impossibilitado de se aproximar, seguiu-os de longe comunicando o trajeto pelo rádio. Desceram num campo onde os esperava um jatinho.

A polícia chegou no momento em que o pequeno avião decolava e, impotente, o vê ganhar altura. Súbito ele aponta o bico para baixo numa velocidade vertiginosa e desaparece.

O Delegado irritado:

—Tomara que tenham ido para o inferno!!!.

De repente nuvens escuras cobriram o céu e desabou torrencial tempestade. As ruas alagaram-se rapidamente formando ondas de tamanha força que arrastavam tudo. Pessoas desesperadas gritavam tentando se salvar, carros, ônibus, árvores, tudo era levado como brinquedo. No Morro da Toca a água descia numa velocidade vertiginosa, formando sulcos profundos, aterrando barracos e vidas que impediam sua passagem. Os moradores subiam até o topo do morro onde o arrastamento das águas era menor e lá ficaram por quatro longos dias, enquanto durou a tempestade. Parecia o fim da vida na Terra.

Na tarde do quarto dia, para alívio de todos, a chuva cessou; os pássaros voltaram a cantar, o sol tímido despontou no horizonte, a água escoava por entre rachaduras e cascalhos indo se alojar lá embaixo nas ruas enlameadas e abarrotadas de entulhos.

As vítimas foram resgatadas e levadas aos hospitais. O atendimento precário por falta de pessoal , material e instalações inadequadas, levou muitos pacientes à morte.

Os desabrigados foram alojados em locais improvisados pelo governo e lá permaneceram com uma esperança. A promessa de construção de casas populares. O Morro da Toca nunca mais pôde ser habitado. Lá ficaram enterrados para sempre: o passado dos que lá viveram.

Um homem alto, esguio, vestido elegantemente e carregando uma pasta preta chegou junto a recepção de um hotel cinco estrelas ...,no Chile. Em seguida chegou uma mulher; cumprimentaram-se com beijo na boca. A recepcionista dirigindo-se a ambos perguntou: — O nome por favor. O homem respondeu: — Walney ...

****

Dados sobre a Autora e sua Obra



Cleusa Sarzêdas nasceu em São Gonçalo, Niterói. Seu primeiro emprego foi como babá aos 13 anos. Trabalhou como operária numa fábrica de papel, em alcântara e estudava à noite.

Com 22 anos ingressou no Serviço Público; mudou-se para o Rio de Janeiro, enfrentou muitas dificuldades, largou os estudos.

Exerceu as atividades de aeromoça por dois anos, casou-se e retornou ao Serviço Público, desquitou-se aos 31 anos , tendo um filho.

Cursou o segundo grau. Gosta muito de ler, mas não gostava de escrever.

Após o casamento do seu único filho fez um curso de escultura e participou de exposições. Foi contemplada com medalha de ouro e duas menções honrosas.

Trocou a arte de esculpir pela literatura e escreveu contos para adultos, depois para crianças. Publicou um livro infantil com cinco histórias, divulgado neste site na página –
www.terra.com.br/virtualbooks/novalexandria/cleusa/cleusa.htm

Cleusa tem um casal de netos e é Poetisa.

Kartdecista praticante, seu pensamento é:

O homem foi criado para lutar e dela tira forças para transpor portas fechadas.

Para corresponder com Cleusa Sarzêdas, escreva:

Cleosarzedas@uol.com.br
csarzedas@ig.com.br
cleonicesarzedas@yahoo.com.br